O "dentrofora" da escola

Nivea Andrade[1]

O relógio marcava o tempo daquela escola, indicando a nossa dependência ao tempo capitalista. Exatos 50 minutos para conquistar, ouvir, falar, *aprenderensinar* (a junção das palavras é proposital para evidenciar que constituem a mesma prática), exatos 15 minutos para se alimentar, ouvir, falar, se divertir e com tudo isso, *aprenderensinar*. Onze horas e 40 minutos era o horário da saída do primeiro turno. Horário também muitas vezes usado pelos traficantes e pela polícia para iniciarem seus conflitos. Por que no horário da saída dos alunos, horário de subir para os morros, de entrar nas suas comunidades? Questões cujas

[1] Doutoranda no ProPEd/UERJ e professora da rede municipal de Educação do Rio de Janeiro.

respostas muitas vezes supomos ou até sabemos, mas a indignação nos convida permanentemente à questionar.

Foi neste horário que a escola vivenciou um dos mais assutadores tiroteios por que a comunidade passou. Poucos alunos já tinham saído e a maioria estava mergulhada no empurra-empurra do corredor. A gritaria cotidiana era ultrapassada pelas rajadas de AR-15 e HK (suponho, pois, felizmente conheço pouco de artilharia). Um helicóptero voava baixo, como se fosse pousar na quadra ou no pátio da escola. Professores e direção, atordoados, tentavam encontrar em tantos anos de formação teórica, algum caminho para continuarem exercendo ali seus papéis de professores.

Decidi abrir o auditório, o lugar que me parecia mais protegido, e chamar os alunos para assistirem um vídeo enquanto não fosse possível voltar para casa. Quando fui chamá-los no pátio, porém, para a minha surpresa, nem todos estavam preocupados como eu.

Um grupo de alunos se posicionavam bem próximos ao helicóptero. Tiravam fotos e filmavam com seus celulares. Davam entrevistas sobre o momento e uma das meninas, autora de um dos vídeos, que está no orkut, dava o seu depoimento: *Este é o dia mais emocionante da minha vida.*

Peguei a imagem acima no orkut de uma dessas alunas para pensar nas diferentes camadas que constituem a representação do helicóptero sobre a escola. O que para mim seria denúncia, registro das nossas condições de vida e trabalho, para uma jovem de quatorze anos era o registro da aventura, o mote para contar uma história. Como lembra Manguel, *nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa.* (2008, p.28)

Para além da nossas narrativas de denúncia e de aventura, o helicóptero rompia as fronteiras da *cidade partida* (Ventura, 1994) e não se restringia mais aos rasantes sobre o morro, quase pousava no *asfalto*, voava sobre a escola e burlava a suposta dicotomia do dentro e do fora do espaço

escolar. Avançava sobre os nossos *espaçotempos* de *aprenderensinar* nos exigindo outras táticas que nos permitissem sobreviver como professores e alunos durante aquela invasão. O helicóptero voando baixo no morro é imagem comum nas nossas memórias, a violência nas favelas também faz parte das imagens no senso comum. Mas a imagem do helicóptero na escola era a expressão de que o que estava fora estava dentro. E era esta, para nós, a novidade registrada na imagem, a evidência de que as fronteiras do dentro e do fora são cotidianamente rompidas. Sem percebermos, era também esta a minha denúncia como professora, e era também esta a aventura da aluna.

REFERÊNCIAS:

– MANGUEL, Alberto. Lendo Imagens. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

– VENTURA, Zuenir. Cidade Partida. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.